

7 0472

ALREM 032-0144-48

REY CUI 250

SIST. 59228

OK

Corrigir no
destaque

9 de Dezembro de 1948

EXISTENCIALISMO E FICÇÃO

Para quem nunca teve a felicidade mental de ler as novelas de Jean Paul Sartre, e isso deve ser coisa comum, dadas as dificuldades presentes da expansão do livro francês, a figura do escritor aparece na imaginação como um anjo maldito e incompreensível, causa de comentários intermináveis e de controvérsias infinitas. Sempre se debatendo no viscoso mar de uma filosofia difícil para a maioria dos leitores, e inevitavelmente apresentando através dessa nebulosa intransitável como se a sua importância de escritor dependesse exclusivamente dessa dialética de hermetismo. Sartre para o espectador comum, talvez mesmo dentro da própria França, sem dúvida constitui menos um extraordinário ficcionista que um tremendo chefe de escola cuja força reside mais no vago ocultismo de sua doutrina. ^(P. parágrafo novo) Possivelmente, para chamar a atenção — pública, no princípio fosse a filosofia, não por ela mesma, mas pelo seu aspecto de — novidade e pelas suas fórmulas de inquietação. Realmente, entretanto, o que se — pode palpar demorada e profundamente por trás de tudo isso, para além do cenário de vidro dessa metafísica posta em moda pela formidável capacidade de — criação do pensador, é uma literatura tão rica de ^{seiva} ~~siva~~ e de novidade que o filósofo desaparece afogado nas águas turvas e revoltas, transparentes e misteriosas, do ficcionista mais poderoso que o gênio literário francês tem produzido nestes últimos tempos. E creio mesmo que devemos procurá-lo sem nenhuma preocupação filosófica, sem nenhum compromisso com o pensamento

existencialista, para plenamente sentirmos essa força impressionante que emana de seus textos. Esse choque que se experimenta ao primeiro contato com a ficção de Sartre, é sinal de que julgamos ter encontrado o impossível flagrante da vida — em todas as suas dimensões, captado por uma aproximação inaudita da palavra à substância real e profunda da existência humana. Sentimos a presença de um ponto de vista novo na arte da narrativa, assim como uso de um instrumento inesperado em certos departamentos da ciência desdobra à inteligência o imprevisível de outros espetáculos. A comparação é improcedente, mas não se trata aqui de fidelidade e sim de aproximação: digamos que o texto de Sartre faz lembrar na literatura de ficção os submundos entrevistados pelo ultra-microscópio eletrônico na irisada banalidade de uma asa de libélula. O espanto ao primeiro contato com as novelas sartrianas da fase da maturidade, vem da ilusão de termos afinal encontrado a dimensão que sempre falta em todas as páginas do mundo. Isso mesmo que os poetas procuram, que é a substância impalpável da poesia, coisa sem definição, caminhos cruzados de dois impulsos do irracional, e que em nosso inconsciente se resolvem numa vaga sensação de gozo, e se dissolvem depois já sem nenhuma significação aparente, claridade fugitiva sobre a nuvem de um momento.

— O ciclo da ^{Age} ~~L'Auge~~ de Raizon, Surcis. La Nauseé, me fazem lembrar certas orquídeas que nos obrigam a interrogar: mas como foi que conseguiu este ^{exemplar?} ~~est~~ — Que ^{habitat} ~~habitat~~ que hibridismo, que meio empregou para que as forças obscuras da criação atingissem esta forma estável e no entretanto perigosamente, à beira do declive da dissolução...? Não cabe mesmo, diante da obra de Sartre, fazer referência à arte da narrativa. Não ^{é ponto} Não é evidentemente uma narrativa, no sentido comum do termo. É uma sondagem onde as palavras, porque o escritor vive delas e é obrigado a empregá-las na sua exata significação, onde as palavras adquirem outro relevo, como um corpo depois do banho. Sente-se a vida pelo

avesso e o mundo por transparência, como numa lúcida radioscopia. Os homens se deslocam dificilmente através da gosma da existência e seus gestos, examinados assim em câmara lenta, têm a importância de um processo longo de uma aula de história natural transcendente. A sensação final é a de que o espírito humano recém começa a ^{pr} embrenhar com a necessária audácia através desse universo de filtros da representação das coisas pela palavra e a literatura que é isso, amanhã possuirá como instrumentos próprios novas máquinas de magia e de sugestão. Porque só assim poderá sobreviver e de qualquer jeito cada vez mais condensada sobre o arquipélago das elites.

Que a existência afogue e desfigure o impulso da essência, como ensina a doutrina de Sartre, isso em nada influi sobre a superfície aparente de sua literatura, como uma vitória do espírito sobre o material do mundo moderno. A inteligência que se dispersa diante dos panoramas de hoje pára e readquire o domínio de si mesma junto desse exemplo. É o equilíbrio em plena audácia, a luz que não vacila descendo para a viagem dos abismos.